

## 365 DNI: A mulher enquanto objeto de satisfação sexual

Raquel Alves Matos<sup>1</sup>; Renan Inácio Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>; Fabiana Ferrari<sup>2,9</sup>; Janaina Soares Sicutto<sup>3,9</sup>; Laiana Tiemi Kawashima<sup>4,9</sup>; Sandra Pereira de Souza Marques<sup>5,9</sup>; Juliana Fernanda de Barros<sup>6,9</sup>; Bernadeth Bucher<sup>7,9</sup>; André Masao Peres Tokuda<sup>8,9\*</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Graduada em Psicologia; <sup>3</sup> Esp. em Oncologia Multidisciplinar – UNIJALES; <sup>4</sup> Psicóloga e Esp. em Psicologia da Saúde – FAI; <sup>5</sup> Esp. em Psiconeuropedagogia – NOVOESTE, esp. em Metodologia do Ensino – FIU, psicóloga – FITL/AEMS, enfermeira e obstetra – FAMUEDUCILEPA; <sup>6</sup> Doutora em Psicologia – UNESP; <sup>7</sup> Doutora em Psicologia – Universidad Complutense de Madrid (Espanha); <sup>8</sup> Doutor em Psicologia – UNESP; <sup>9</sup> Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS.

\* autor correspondente: andremasao@hotmail.com

### RESUMO

O presente artigo utiliza o filme “365 DNI” como referência para discutir como o homem tem o poder e domínio sobre as mulheres, e como elas ficam submetidas por eles. Realizar uma análise de como a mulher é vista e utilizada como objeto sexual, e como a sociedade a transforma em mãe. Segundo Gayle Rubin, a mulher era comparada como na vida de um escravo na qual era domesticada e tinha como dever apenas de cuidar do lar e dos filhos. A sociedade que se insere o contexto sexo/gênero é engessada a cultura da mulher como mãe e com base na teoria Foucault traz que o corpo dela é histerizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia e sexualidade; histerização do corpo da mulher; mulher enquanto objeto.

### 1 INTRODUÇÃO

A transformação da mulher em mãe surge através da construção social de um fator biológico, e na ideologia apresentada na maternidade como algo “natural”, essencial para as mulheres. Ou seja, uma ideia que está inserida na cultura, e faz parte da vida das mulheres desde criança, uma normatização comum de vermos, que estabelece na infância esse sistema de sexo/gênero, que se perpetua ao longo da vida (GRISCI, 1985).

Com isso o objetivo deste trabalho é trazer a discussão sobre como a mulher é usada de objeto sexual e vista como sujeita passiva em nossa sociedade, para isso utilizaremos o filme 365 DNI (2020) para identificar a relação de entre sexualidade e poder. É de suma importância falar sobre o tema, mostrar como a mulher ainda é “domesticada” e

vista como a que foi feita para cuidar dos filhos e do lar.

Utilizaremos como metodologia a revisão bibliográfica para análise da obra. Sendo assim a discussão deste artigo será em torno das obras de Foucault (1988) e Rubin (1993), para expandir os conhecimentos relacionados à mulher enquanto histerização do corpo e a domesticação da classe feminina.

### 2 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO CORPO DA MULHERSEXO E GÊNERO

O gênero é uma construção social de identidade, demonstra a separação que a sociedade faz entre o sexo e os corpos. É visto como uma categoria que funciona como marca social, tendo como resultado os gostos, e preferências nos comportamentos.

Foucault (1988) traz a ideia das

construções sociais, na Era Vitoriana, do que era visto como certo ou errado, uma relação entre saber e poder. Podemos observar a evolução da sexualidade e do sexo principalmente em novelas, a maneira como o assunto é exposto e discutido tem mudado de forma radical. Na Era Vitoriana se tinha como ideia que era necessários costumes rígidos para que a sociedade pudesse se desenvolver então a sexualidade passou a ser encerrada na família, com o objetivo de reprodução. Tudo que escapava era visto como “anormal”, assim o sexo para as famílias na época era apenas para reprodução e não gerador de prazer.

No século XVIII passou a ser autorizado falar sobre o sexo, o discurso da verdade surge para colocar aquilo que é normal e o que não é, isso é possível pela transformação do sexo e sexualidade em discurso, o que pode ser controlado, fora do discurso não consegue reprimir, então o sexo foi colocado em discurso para ser interrogado e capturado (FOUCAULT, 1988).

Permitia-se falar de sexo com profissionais “*psi*” da época, em confessionários, porque eram pessoas que tinham um controle do desejo sexual, assim a energia seria simplesmente forçada a não existir. Foucault (1988) coloca que a relação do poder com o sexo será sempre de proibição, negação, tornar um pecado, mas não é possível interditar os prazeres e desejos apenas rejeitar, barrar e excluir não se pode eliminar. Sendo assim se não se pode eliminar, irá colocar como permitido ou proibido. O ciclo da interdição traz que podem existir desejos que não são tidos como normais, mas na escuridão do quarto se for a luz do dia será punido, não deve aparecer sendo levado a censura (FOUCAULT, 1988).

Atuando como dispositivo o poder está em todos os lugares e pessoas, não é exercido em uma única população, o poder se torna líquido, está nas relações. Dessa forma o poder só demonstra parte

de sua tecnologia de interdição para ser tolerável, aceito, o sujeito fica sujeito ao poder, as suas normas não existem, podendo escapar, está em todos os lugares na religião, família, escola, na vida. O acesso de barrar não exerce mais pela proibição da lei, mas por normalização e controle dos corpos.

O sexo passa a ser assunto político e econômico (a taxa de natalidade, idade, casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, práticas contraceptivas) O saber sobre o sexo se diz respeito um saber sobre nós, ou seja, ter conhecimento gera prazer.

Nesse sentido Foucault (1988) construiu quatro dispositivos envolvendo saber e poder em relação ao sexo. Neste artigo vamos nos guiar em um desses conjuntos apresentados pelo autor, sendo a Histerização do Corpo da Mulher. A mulher é vista como aquela que está cheia de sexualidade e é improdutiva para a economia, só se torna útil para a sociedade a partir do momento que é transformada em mãe, responsável por educar as crianças e pelo lar.

Para Rubin (1993) a mulher conhecida como a do “lar” mostra que os homens as transformaram em “domesticadas” a fim de manterem a dominação masculina, e a submissão feminina. A autora traz como exemplo a ideia de Marx sobre as pessoas escravizadas e replica para a relação das mulheres com a sociedade, remetendo aquilo que essas vivenciam ao longo da vida, que são construídas como um determinado objeto, a partir da cultura inserida. As mulheres são ensinadas que devem ser submissas aos homens, algo social e cultural, uma construção, quando entendemos isso, é possível transformara sociedade.

Segundo Rubin (1993) se a agressão e a dominação masculinas inatas estão na origem da opressão das mulheres os programas feministas deveriam logicamente exigir ou exterminação do sexo agressor, ou um projeto eugênico para

modificar o caráter, ela traz que deveria ser feita uma radicalização considerando o histórico que as mulheres sofreram, deveria existir uma eliminação dos homens, ou seja, uma troca de domínio na onde a mulher passasse a ter o domínio e não os homens mais.

Rubin constrói uma extensa reflexão sobre os escritos feministas, e sua fixação na questão da subordinação da mulher, fundados nas teorias do matriarcado original e nas leituras de Marx. Propõe uma explicação alternativa para as relações em que as mulheres se tornam oprimida, mediante o conceito de *sistema sexo/gênero*: "[...] conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas". Distinguindo sexualidade e gênero, ela reúne os termos da dicotomia em um mesmo sistema (LAGO, 2010, p. 6).

Sendo assim ao falar de sexualidade entende-se como algo biológico para o ser humano reproduzir, a autora faz essa junção de termos para trazer que a mulher ainda é de alguma forma submissa às vontades do homem, se vendo no dever de sempre estar satisfazendo.

**Figura 1. Mulher domesticada.**



**Fonte:** Extraído de Eu Não Sou a Supermãe, 2016.

A imagem acima mostra como a mulher é ainda atualmente, na onde deve ser como uma máquina humana,

de modo a dar conta da educação dos filhos, do lar e tudo que envolva a organização de casa cabendo tão somente a ela resolver.

### 3 365 DIAS

O filme é um romance que apresenta submissão e crimes, tendo como personagem principal Massimo, que protagonizou cenas de violência, morte, sedução, sexo e amor. Mostrando no seu papel a ideia do "Macho Alpha" o "cara" que dá ordem e todos deve obedecer. O personagem tem oscilações em suas diversas características e uma personalidade marcante, ele é conhecido como o chefe de uma grande máfia que seu pai deixou quando faleceu, por adversários (365 DIAS, 2020).

Após a morte de seu pai, o que trouxe grandes frustrações, e em seguida a perda de uma carga de drogas, em meio a todos esses fatos, Massimo observou uma moça na praia, o que nem passava pela sua cabeça que seria Laura. Com isso ele realiza muitas viagens para assumir os negócios do pai, e em uma delas ele usa a comissária de bordo para ter relação sexual, induzindo-a fazer sexo oral. Utilizando o seu poder, nem se quer questionar a moça se seria de sua vontade a relação. Podemos citar que Massimo pratica nessa parte do filme o que é tipo como dispositivo de sexualidade, que seria o controle dos corpos, uma forma de mostrar a dominação e poder diante de sua vítima, durante o filme isso ficará cada vez mais claro (365 DIAS, 2020).

O rapaz tem em suas características a dominação das mulheres, de forma que se leva a pensar na mulher submissa e que deve ser e fazer o que o homem deseja. Esse tipo de dispositivo vem com o conhecimento sobre o homem ser o pegador, não podem ter uma masculinidade frágil, porque se isso chegar acontecer será malvisto perante a sociedade. Pequenas ações como, por

exemplo; usar uma camisa cor de rosa, rebolar ou ser vaidoso, algo como dito feminino (365DIAS, 2020).

Massimo vai para uma estância, onde encontra Laura, a personagem protagonista. Uma mulher que tem uma vida dita como “normal”, namora um rapaz que não lhe dá atenção. No aniversário de namoro o casal vai para o mesmo local em que Massimo está, e ao reconhecê-la, resolve sequestrá-la (365 DIAS, 2020).

Desde então o momento oportuno inicia a negociação na qual ele propõe que ela viva com ele por 365 dias. Dando a oportunidade de que ela se apaixonasse por ele, e se caso não acontecesse deixaria ela livre e poderia ir embora. Mesmo tendo uma proposta na qual Laura teria uma vida diferente da qual estava acostumada a levar. Ela se mostra resistente nos primeiros instantes, recusando quaisquer luxos e afetos. Contra vontade ela é levada para mansão de Massimo onde permanece, presenciando as atitudes hostis dele (365 DIAS, 2020).

Dessa forma e visto o dispositivo de masculinidade, na qual Massimo mostra que por ser o homem, o seu desejo deve ser obedecido e não questionado. Ao contrariá-lo fica subentendido que a “hierarquia” não foi respeitada, o homem machista procura mostrar para a sociedade e para suas vítimas, que ele é a parte forte, tanto fisicamente quanto moralmente, isso é visto também pelo fato de que Massimo seria o chefe de uma máfia, o que remete que ele teria o domínio de tudo a sua volta, e suas mulheres não seriam diferentes. O machista seria o homem que não aceita a igualdade de direitos e deveres, sempre colocando a classe masculina como a superior e a feminina inferior. Dessa forma reflete em todos os campos da sociedade, como por exemplo, empregos, salários, direito ao voto, fazer parte de partidos políticos. E restringindo a mulher como a dona de casa, histérica e submissa (365

DIAS, 2020).

Em boa parte do tempo Laura, foi presenteada com luxos, coquetéis, festas e até mesmo com proposta de casamento. Com essa ideia nota-se o dispositivo de aliança, uma forma de unir os interesses, de um lado uma mulher aparentemente frágil e encantada pelo homem que se mostra rico e poderoso (365 DIAS, 2020).

Diante de sua popularidade, Massimo procurava alguém a sua altura, de forma que Laura deveria ser coberta de joias e vestidos caros, carros de luxo e apresentada em lugares de alto padrão. Mostrando que ela também fazia parte de uma família da burguesia, e não uma mulher comum. O dispositivo de aliança seria a união de família de mesma classe social, aumentando suas riquezas e popularidade, afinal a sociedade é manipulada pela massa que detém do poder e controle da economia, classe que na qual a família de Massimo faz parte (FOUCAULT, 1988, p. 100-101). Entretanto, mesmo estando com Laura, Massimo mostra que sua arrogância e prepotência não deixam de fazer parte de sua personalidade. Logo, ela se torna uma vítima clássica da Síndrome de Estocolmo e se apaixona pelo mafioso. Aceitando sua vida de crimes, e mesmo sabendo do risco de morte, continua com ele, mostrando que a submissão possa ter desenvolvido um fetiche (365 DIAS, 2020). Ao cair nos encantos de Massimo, se entrega totalmente, tendo relações sexuais, boa parte do tempo tendo como prova de que ele conseguiu o que desejava, segundo Foucault (1994), o prazer perverso, que se trata do sexo sem a intenção de procriação, o que inicialmente seria a vontade do casal.

Entretanto se tornou algo fora do controle, à prática sexual em excesso pode ser considerado uma patologia. Lauteri-Laura (1994). Entretanto Massimo mostrou que praticava sexo somente por prazer, e não com a intenção de reprodução. Em momento algum foi



usado da força para manter relações sexuais com ele, os abusos cometidos seria os psicológicos, na parte em que é forçada a aceitar ser sua mulher (365 DIAS, 2020).

No fim, Laura se apaixona por Massimo e aceitando que sua vida a partir daquele momento seria com ele. Permitindo viver uma gravidez, o que seria o elo do casal (365 DIAS, 2020). De fato, seria algo interessante, tendo em vista que se trata de um homem machista e opressor, com a gravidez Laura poderia sofrer com a esterilização de seu corpo, diante de determinadas sociedades, as mulheres são vistas somente como reprodutoras, se tornando sem sexualidade e passiva, transformadas em donas de casa, com deveres de educar seus filhos, mostrando que esse dever somente dela e não do homem machista. Por outro lado, mesmo sendo mãe e dona de casa, tem o direito de ser quem ela realmente quer ser, mas, isso vai depender de sua cultura, país e a tradição de sua família (FOUCAULT, 1988, p. 100-101).

Massimo também estava muito feliz com a relação do casal, mostrando mesmo que estava disposto a viver com Laura e se tornar pai. Porém, esses planos foram frustrados quando Laura sofreu um atentado em um túnel em um de seus passeios. O que deixa no ar e suspense que ela tenha morrido pelos adversários da máfia. Ainda não temos uma devolutiva de outro filme, portanto se faz pensar que a trama tenha um final infeliz (365 DIAS, 2020).

#### **4 PROCESSO SUBJETIVO FEMININO E A CULTURA**

Podemos notar que Laura mesmo se recusando a aceitar os pedidos de Massimo, cai nos encantos do rapaz. No momento em que tenta se afastar nota que está cada vez mais próxima, por conta da atenção que é voltada a ela, o luxo e a vontade do rapaz em conquistá-

la. O ponto principal que fez com que o seu interesse no rapaz fosse maior seria o sexo (365 DIAS, 2020).

Foucault (1988) nos traz uma visão de que o sexo seria algo a se questionar, porém dependendo da cultura, esse assunto é dito como proibido. Mesmo sabendo que o sexo é algo saudável, muitos lidam com a prática sexual como algo somente para a reprodução, e isso está ligado à histerização do corpo da mulher. Prazer que toda uma sociedade questiona e deixa dito que seria algo imoral a se falar em público, ou até mesmo questionado. Como esse prazer está ligado a diversas situações como, por exemplo, o poder e a submissão da mulher em relação ao homem.

Na era vitoriana foi trabalhada a natalidade, o sexo como forma de reprodução. A qual está ligada ao trabalho, e ao capitalismo, quanto mais pessoas em uma família, mais precisariam consumir, então teriam mais pessoas para produzir. Uma forma de mão de obra a mais no conceito de produção (FOUCAULT, 1988).

Nesse processo histórico de construção do corpo feminino sem sexo e frágil o homem é quem deve cuidar da casa, na falta do pai o filho mais velho é quem dita às regras e tem o dever de cuidar da família, deixando explícito o machismo (RUBIN, 1993). Que visa colocar um homem no poder ou a frente de decisões, na qual a mulher é vista como incapaz de resolver. Laura foi dominada do início até o final do filme, remete que o homem, representado por Massimo, lhe oferece proteção, atenção, luxo e uma vida estável (365 DIAS, 2020).

Em determinado momento da história Laura aceita a proposta de ficar com Massimo e se tornar mãe. Observando o contexto em que Laura estava, que seria de uma mulher apaixonada, e disposta a ficar seja lá com quais condições e limitações tivessem, ver esse desejo em se tornar mãe pode refletir a histerização do corpo da mulher, o fato de

se realizar como mãe, algo que não faz parte dos projetos de todas as mulheres, algumas trazem esse desejo e outras não tem esse arquétipo. Dessa forma, são malvistas perante a sociedade, a mulher que não carrega em seus braços um filho é dita como, mal-amada, sapatão, malcomida dentre outras vulgaridades que são ditas e palavras de ofensas lançadas sob essas mulheres (FOUCAULT, 2005).

Inicialmente, as vontades de Massimo seria que Laura fosse somente um objeto sexual, remetendo ao dispositivo de sexualidade, submissão e desejo do corpo. Portanto ela tivesse somente um papel ali que seria servir e suprir seus desejos sexuais e dama de companhia. Vestindo o que ele gostava de ver. Sempre muito bem arrumada com roupas de luxo. Por mais que pareça lindo, também é uma forma de dominação do corpo da mulher, o vestido não pode ser curto, ou sexy ao ponto que outro homem a deseje. A ideia culturalmente construída é que a mulher deve servir seu marido, e jamais desejar outros homens, isso seria uma dominação e se torna pecado segundo as regras da igreja. O desejo de mulher em mudar aquela vida monótona que levava, sem atenção e sem sentido, é preferível para o sistema de parentesco que a mulher seja submissa e somente aceite o que é colocado a ela (365 DIAS, 2020; RUBIN, 1993).

Dessa forma, podemos concluir que a mulher, está sendo assegurada e protegida contra a violência doméstica ou quais quer que seja. Leis vêm promovendo as mulheres sua integridade física e psicológica. No caso de assédio moral, sexual ou psicólogo cabe a justiça, julgar e punir quem se aproveita de sua hierarquia como forma de se aproveitar da fragilidade do medo, por exemplo, chefes, encarregados e até mesmo colegas de trabalhos e suas “brincadeiras de ofensas machistas”. E seu próprio companheiro (a). Outro ponto a ser observado seria ressaltar que a desigualdade

perante a sociedade e oportunidades ainda é vivenciada. Cabe ao poder público, familiares e sociedade criar condições necessárias para os efetivos direitos seja obedecido e respeitado.

Com o material observado durante a elaboração desse presente artigo, foi possível notar a necessidade de se trabalhar com as mulheres, com uma visão mais ampla e usando das ferramentas da psicologia. Assim se faz possível identificar as dificuldades e pontos a serem trabalhados sofrem psicologicamente por conta do abuso imposto por homens controladores. A erotização de seu corpo, a histerização e a pedagogização do corpo da criança. São algumas das fases observadas e devem ser trabalhadas de forma humanizada com a finalidade de um tratamento e libertação das amarras que esse luto pela liberdade de ser mulher traz.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos concluir que diante da sociedade machista a mulher seria somente um objeto sexual ou mão de obra escrava. Aquela que não tem direito e de contrapartida inúmeros deveres. Algumas de suas nomeações seria de títulos como, por exemplo; Dona de casa, minha secretária do lar, minha esposa, minha funcionária, nomes que sempre veem acompanhadas desse pronome possessivo minha, dando a entender o grau de posse sobre a pessoa. Dentre outras que simplesmente mascaram as reais funções da mulher. Sua liberdade sexual e de vivência começou a ser vista logo depois da revolução industrial e foi possível notar que as mulheres começaram a garantir seus direitos dentro da sociedade. Sociedade na qual eram compostas somente por homens autoritários, e dessa forma elas fazia somente o papel de números, e vista somente como empregadas, mãe e esposas que devem executar seus deveres em silêncio. Atualmente a mulher ainda luta por seus

direitos que lhe são assegurados pela constituição. E o direito de mandar em seu próprio corpo “Meu corpo, minhas regras” deixando de lado que o homem deve ser prioridade em suas vidas. Tendo o empoderamento do seu próprio eu. Direitos em relação a mulheres LGBTQIA+ contra a homofobia e sobre o sexo que deve ser algo de seu consentimento, seja uma mulher heterossexual ou não. Foucault e Rubin nos trazem clarezas em relação ao corpo da mulher às ações de libertação de seus desejos diante do tema apresentado.

## REFERÊNCIAS

365 DIAS. Direção: Barbara Bialowas, Tomasz Mandes. Produção de MaciejKawulski Ewa, LewandowskaTomasz Mandes. Polônia: Next Filme., 2020.

CBN. Globo Rádio de 2016. Disponível em <[https://m.cbn.globoradio.globo.com/default\\_mobile.htm?url=%2Fedito-rias%2Fpais%2F2016%2F07%2F16%2FNUMERO-DE-MULHERES-QUE-](https://m.cbn.globoradio.globo.com/default_mobile.htm?url=%2Fedito-rias%2Fpais%2F2016%2F07%2F16%2FNUMERO-DE-MULHERES-QUE-)

DECIDEM-NAO-TER-FILHOS-ATINGE-O-MAIOR-INDICE-DOS-ULTIMOS-DEZ-AN.htm>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I - A vontade de saber - tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRISCI, Carmem Lígia IochinsMulher - mãe. Psicologia: Ciência e Profissão [online], v. 15, n. 1-3, p. 12-17, 1995. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100003>.

LAGO, M. C. de S. Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. Revista Estudos Feministas [online], v. 18, n. 1, p. 189-204, 2010. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100012>.

RUBIN, G. O tráfico de mulheres. Notas sobre a “Economia Política” do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.